

REFLEXÕES ACERCA DA “MULHER DE SORTE” E DO “HOMEM DE SORTE” NA PUBLICAÇÃO “BELA, RECATADA E DO LAR”

Karla Roberta Neumann¹

Vivian Elis Golfetto Ramos²

Resumo:

Esse trabalho objetiva compreender os efeitos de sentido das expressões “mulher de sorte” e “homem de sorte” no texto publicado pela revista Veja, “Bela, recatada e do lar”, à luz da teoria da Análise de Discurso de linha francesa. Os efeitos de sentido da “mulher de sorte” presentes na publicação retornam algumas memórias com relação à história de lutas das mulheres pelos seus direitos, com relação à independência e à visão da mulher como símbolo de beleza, mas também apontam para os não ditos com relação ao contexto político no momento do impeachment da presidenta Dilma Rousseff. O efeito de sentido possibilitado pela expressão “homem de sorte” indica que casar com uma mulher bonita e mais nova, bem como cuidadora do lar, é o ideal e, no caso de Michel Temer, ter sorte é também ter assumido a presidência da república sem ter sido eleito diretamente.

Palavras-chave: *Análise de discurso; Efeitos de sentido; Memória; Mulher de sorte e homem de sorte.*

Abstract:

This paper is aimed at understanding the meaning effects of the term “lucky woman” and “lucky man” in the text published by “Veja” magazine, entitled “Bela, recatada e do lar” [a woman who is beautiful, demure and a housewife], according to the French Discourse Analysis theory. The meaning effects of “lucky woman” present in the publication bring back memories regarding the history of women’s struggle for their rights, independence, and how the woman is seen as a symbol of beauty, but also reveal what is unspoken in relation to the political context of President Dilma Rousseff’s impeachment. The meaning effects enabled by the term “lucky man” reveals that marrying a beautiful and younger woman, who takes care of the home, is the ideal and, to Michel Temer, being lucky also means becoming the President of the Republic without being directly elected.

Keywords: *Discourse analysis; Meaning effects; Memory; Lucky woman and man.*

¹ Mestranda do programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, pela Universidade Estadual de Londrina, especialista em Alfabetização e Letramento, pela Faculdade Eficaz, graduada em Letras Português/Inglês, pela Universidade Estadual de Maringá. Contato: karlaneumann2@gmail.com.

² Mestranda do programa de Pós-Graduação em Letras, pela Universidade Estadual de Maringá, graduada em Letras Português/Francês, pela Universidade Estadual de Maringá. Contato: vivian_elis@hotmail.com.

Introdução

O objetivo desse trabalho é analisar os efeitos de sentido das expressões “mulher de sorte” e “homem de sorte” no texto publicado pela revista Veja, “Bela, recatada e do lar”³. O interesse pelo tema surgiu após a repercussão da reportagem, em que Marcela Temer é colocada como um exemplo a ser seguido pela mulher brasileira. Observou-se grande polêmica em torno da coluna da jornalista Juliana Linhares, a qual descrevia o cotidiano e as qualidades da futura primeira-dama do Brasil. Nesse sentido, considera-se de suma importância para os estudos da Análise de Discurso a reflexão que o material proporciona, acerca de seus efeitos de sentido e de que forma eles se direcionam às diversas formações discursivas.

A interpretação do objeto de análise realiza-se por meio dos estudos da Análise do Discurso de linha francesa, de acordo com Michel Pêcheux. Foram mobilizados alguns conceitos, no que diz respeito aos efeitos de sentido, memória discursiva e os jogos parafrásticos e polissêmicos, para que se pudesse interpretar os ditos, já-ditos e não-ditos sobre o que a primeira e a última afirmação do texto: “Marcela Temer é uma mulher de sorte” e “Michel Temer é um homem de sorte”.

Além disso, foi necessário recorrer a estudos históricos relacionados à representatividade da mulher no Brasil, em que se optou por trazer o estudo de Mestre (2004) e, também, leituras sobre a política brasileira e a trajetória da revista Veja, bem como críticas publicadas sobre o periódico, como no estudo de Makhoul (2009).

Essa transição entre as diversas áreas é justificada, pois a Análise de Discurso de linha francesa se constitui enquanto uma “área transdisciplinar”, que caminha entre linguística, materialismo histórico e psicanálise. Orlandi (2005) confirma que

A Análise do Discurso é herdeira das três regiões de conhecimento – Psicanálise, Linguística, Marxismo – não o é de modo servil e trabalha uma noção – a de discurso – que não se reduz ao objeto da Linguística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise (ORLANDI, 2005, p. 20).

Dessa forma, na “análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral,

³ Reportagem publicada na versão digital da revista Veja: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>

constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2005, p. 15). Assim, a ideia de percurso, de movimento, é o que mobiliza questões que, muitas vezes, podem estar cristalizadas nas formações da nossa sociedade. Orlandi (2005) também ressalta que

A Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento (ORLANDI, 2005, p. 31).

1. “Bela, recatada e do lar”.

A reportagem foi publicada na revista Veja, em sua versão digital, no mês de abril de 2016, na categoria “Brasil”, com o título “Marcela Temer: bela, recatada e 'do lar””. A linha fina da matéria trazia a seguinte informação: “A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice”. Após essa introdução, uma foto de Marcela Temer estampa a coluna:



Marcela, mulher do vice, Michel Temer: jantares românticos e apelidos carinhosos (Bruno Poletti/Folhapress)

Imagem 1: Fonte: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>

Com um papel descontraído, típico de revistas femininas do início do século XX, a revista trouxe outros vieses com essa reportagem, visto que as colunas e notícias sempre se mostram voltadas para o contexto das bases políticas no Brasil. No entanto, o tom em que o cotidiano de Marcela Temer foi relatado e detalhado causou revolta a boa parcela de mulheres, já que traz a até então vice-primeira-dama como um ideal a ser seguido, devido à sua beleza, sua discrição ao se vestir e sua dedicação para cuidar da casa, segundo a revista.

Esse relato sobre Marcela Temer pode ser visto como algo mais que uma simples base informativa do que faz a até então vice primeira-dama. Na semana em que ela foi lançada, culminava no país um fervor acerca do possível *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff.

Em certa ocasião, foram feitos adesivos para carros contendo uma montagem de uma foto sua com as pernas abertas na tampa da entrada da bomba de combustível, mostrando mais uma vez o desrespeito não somente contra ela, mas contra todas as mulheres. Mulher, sem marido e com aparência fora dos padrões estabelecidos pela sociedade e pela mídia, Dilma sempre foi alvo de piadas. Logo após sua reeleição, essa intolerância teve um destaque maior, devido a insatisfação dos opositores políticos, fazendo com que as pessoas ocupassem as ruas em protesto. No entanto, de acordo com Sargentini (2017), em sua pesquisa sobre a intolerância no discurso político contemporâneo, “a intolerância sexista também ocupa as ruas em cartazes como: ‘Não deixe ela se safar! Nem quem a vaca tussa!’ Ou simplesmente, ‘Dilma, sua vaca.’ Foram muitos os insultos expostos em cartazes ou vociferados em protestos de rua” (SARGENTINI, 2017, p. 288). Para a pesquisadora, esses insultos representam um momento de ódio e intolerância em que o país se encontrava/encontra e, também, compreende que há um sexismo no meio político, em relação à mulher.

Marcela Temer não tem uma carreira na política e sua vida profissional consiste em pequenos trabalhos como modelo, como afirma a própria reportagem. Entretanto, a mídia já vinha tentando dar um destaque à vice primeira-dama⁴, como uma mulher, esposa e mãe ideal, gerando revolta nas redes sociais, já que sua rotina é uma exceção, devido ao seu nível social.

Assim, faremos uma reflexão que nos permite uma leitura mais profunda do conteúdo disposto, isto é, não apenas na sua superficialidade, mas uma leitura de acordo com os gestos de interpretação possibilitados.

⁴ Algumas reportagens entre o final do ano de 2015 e o começo de 2016 trouxeram notícias de que Marcela Temer estaria grávida, entre outras notícias para se destacar a importância do papel da vice-primeira-dama como mulher influente na sociedade e intelectual:

<<https://vejasp.abril.com.br/blog/terraco-paulistano/marcela-temer-esta-gravida-do-segundo-filho/>>

<<http://epoca.globo.com/tempo/expresso/noticia/2015/12/mulher-de-temer-da-dicas-de-leitura-ao-vice-presidente.html>>

2. Mulher de sorte e homem de sorte

A reportagem foi publicada na versão eletrônica da revista *Veja*, no dia 18 de abril de 2016, de autoria da jornalista Juliana Linhares. A jornalista em questão já é conhecida no universo feminista por publicar matérias que produzem discursos penderes para a formação discursiva machista, como chamar as atrizes de *Hollywood* de “mimadas”, quando pediram igualdade de salários⁵.

A revista *Veja* constantemente é alvo de críticas nas redes sociais e em outras redes de notícias, além de em trabalhos acadêmicos, em virtude de uma possível imparcialidade com relação à política, o que põe em dúvida sua credibilidade. Fábio Jammal Makhoul, em sua dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), fez um estudo sobre a cobertura da revista *Veja* acerca de uma passagem da política, em que houve o escândalo do mensalão, no primeiro mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Como conclusão, Mackhoul mostrou os dois lados, tanto da revista, quanto do governo em questão, mas também destacou a questão da parcialidade, com base em outro estudo feito:

Um levantamento das capas de *Veja* feito pelo jornalista Anselmo Massad (*Revista Fórum*, edição 29, agosto de 2005) mostra como o semanário protegeu o presidente Fernando Henrique dos escândalos de seu governo. Em 1997, um ano antes da reeleição do tucano, FHC se via envolvido numa série de escândalos, como o caso da compra de votos para a aprovação da emenda da reeleição e as denúncias de corrupção nos processos de privatização. Naquele ano, apenas uma capa foi feita sobre o assunto, com o rosto de Sérgio Motta, então ministro-chefe da Casa Civil, e a chamada “Reeleição” e “A compra de votos no Congresso”, em letras menores. A palavra corrupção não aparecia em destaque como ocorreu com o governo Lula (MAKHOUL, 2009, p. 204-205).

Com isso, Mackhoul confirma algumas críticas, as quais denunciam que os colunistas da revista publicam matérias que se mostram ao lado de setores conservadores e elitistas da política brasileira.

A reportagem sobre Marcela Temer parece representar o mesmo tom das revistas femininas do início do século XX, as quais traziam “dicas” para o público

⁵ A reportagem de março de 2015, sob o título “Vamos perguntar a elas?”, ironiza o discurso da ganhadora da categoria Atriz Coadjuvante, no Oscar 2015, Patrícia Arquette, que criticava a disparidade salarial entre homens e mulheres nos EUA, especialmente na indústria do entretenimento.

feminino. O texto começa afirmando que Marcela é uma mulher de sorte, depois discorre sobre o porquê disso.

Marcela Temer é uma mulher de sorte. Michel Temer, seu marido há treze anos, continua a lhe dar provas de que a paixão não arrefeceu com o tempo nem com a convulsão política que vive o país – e em cujo epicentro ele mesmo se encontra. Há cerca de oito meses, por exemplo, o vice-presidente, de 75 anos, levou Marcela, de 32, para jantar na sala especial do sofisticado, caro e badalado restaurante Antiquarius, em São Paulo. Blindada nas paredes, no teto e no chão para ser à prova de som e garantir os segredos dos muitos políticos que costumam reunir-se no local, a sala tem capacidade para acomodar trinta pessoas, mas foi esvaziada para receber apenas “Mar” e “Mi”, como são chamados em família. Lá, protegido por quatro seguranças (um na cozinha, um no toailete, um na entrada da sala e outro no salão principal do restaurante), o casal desfrutou algumas horas de jantar romântico sob um céu estrelado, graças ao teto retrátil do ambiente. [transcrição nossa] [grifos nossos] (LINHARES, 2016).

3. O que significa ter sorte?

Com a publicação da reportagem, houve um interesse da pesquisadora em entender qual seria a definição das expressões “mulher de sorte” e “homem de sorte”, fora desse contexto da reportagem, sem que as pessoas soubessem sobre o que se trata. Como uma tentativa de compreender, mesmo que superficialmente, como pensa a sociedade do século XXI⁶ acerca do assunto, também foi feita uma pesquisa informal para perguntar o que as pessoas acham que seria uma mulher de sorte e um homem de sorte.

Para se ter ideia da opinião das pessoas sobre o que seria ter sorte, lançamos o seguinte questionamento, por meio de uma pesquisa rápida, na rede social *Facebook*: “para você o que é ser uma mulher de sorte?” A intenção dessa pesquisa não era obter dados formais, como seria em uma entrevista, por exemplo.

Busca-se ressaltar que essa pesquisa é apenas um paralelo ao estudo da reportagem, visto que no decorrer das leituras da base teórica e das releituras do material de análise, essa ideia emergiu para acrescentar como um comparativo dessas duas afirmações em questão.

⁶ Não cabe a esse trabalho generalizar o pensamento de toda sociedade por meio de uma pesquisa informal em rede social. No entanto, a pesquisa teve o intuito de ilustrar como uma expressão pode ser cristalizada em certos grupos sociais.



Imagem 2: perfil pessoal da rede social Facebook e aplicativo Messenger.

Obtivemos as seguintes respostas, agora transcritas:

- Comentário 1: “Ganhou na mega sena rrsrrs”.
- Comentário 2: “é aquela que é feliz, seja qual for o momento o qual vive. Mulher independente e que batalha dia-a-dia”.
- Comentário 3: “Magra rrsrrs”.
- Comentário 4: “A palavra sorte me incomoda”.
- Comentário 5: “Sorte é quando a oportunidade encontra uma mente bem preparada. Mas eu acho que é aquela que acha dinheiro no bolso da calça”.
- Comentário 6: “mulher de sorte é aquela que alcança seus objetivos apesar do pouco esforço/dedicação; ou... aquela que consegue obter algo que, embora inesperado, a realiza de uma ou outra forma”.

Comentário 7: “Aquela que tem dinheiro para pagar uma empregada doméstica”.

Comentário 8: “[...] Enfim, é difícil dizer tudo em poucas palavras, mas o que me vem à cabeça agora é que uma mulher de sorte é aquela feliz por ser independente nos sentidos que desejar, confiante sobre seu lugar na sociedade, seu corpo e suas ideias, “livre”, rodeada de uma sociedade que a valoriza e a trata como ser humano digno... E concordo com o pessoal acima, ao menos em partes (encontrar dinheiro na calça, principalmente pra pagar a empregada, é uma baita sorte)”.

Comentário 9: “É aquela que olha pra si mesma e gosta do que vê e tem a liberdade e a coragem de buscar e lutar pelos seus ideais e decidir o seu destino”.

Dentre esses comentários, apenas um homem respondeu, que é referente ao comentário 5. O discurso marcante nas respostas, quase que em sua totalidade, relaciona “sorte” como conseguir ser bem-sucedida, o que não tem relação com enriquecer, mas ser resolvida independente do *status* social, e ter independência.

Essa pergunta também foi respondida pelo aplicativo *Messenger*, vinculado ao *Facebook*, seguindo um discurso diferente:

Resposta: “Sorte é ter algo que você não espera ter, ganhar um sorteio, num jogo, etc. Ter liberdade, controle sobre si, são direitos, os quais a sociedade nos dá e nos tira. Quando a mulher consegue transgredir essas regras, ela é considerada de sorte. Mas é numa visão equivocada. Não é sorte, é direito. Só que muitas vivem distante disso, pois está no patriarcado”.

Para essa mulher, a leitura que ela fez da questão foi além das respostas naturalizadas. No entanto, vale destacar que ela faz parte de um grupo de estudos culturais, de pós-graduação, voltado para a pesquisa da diversidade de gênero.

A definição do dicionário traz que “sorte” é

1. Aquilo que determina a vida de alguém ou algo; destino, fado: *Ele foi uma vítima da sorte.*
2. Aquilo que acontece de uma forma casual; coincidência; causalidade: *Encontrei a loja por sorte.*
3. Boa estrela, felicidade, ventura: *Não estudou, mas, por sorte, passou no concurso.*
4. Fim, termo: *Ele não teve boa sorte.*
5. Espécie, tipo: *O bar era frequentado por gente de toda sorte* (ABL, 2008, p. 1199).

“Sorte”, em um de seus significados “primários”, ou seja, no sentido de que é a definição que inicialmente se encaixa com a definição do dicionário, está relacionada a ganhar algo, um prêmio num sorteio. Tanto que várias respostas trouxeram, em um tom de humor, que uma mulher de sorte é aquela que ganha na “megasena”.

De acordo com a Análise de Discurso, o sujeito é interpelado pela ideologia e, desse modo, se inscreve em uma determinada Formação Discursiva (FD). O sujeito é constituído pelo e no discurso, não sendo origem do sentido nem autor do seu dizer. Essas mulheres que responderam rapidamente a essa pesquisa representam sujeitos que parecem estar inseridos em uma FD considerada conservadora. Por isso, explica-se a latente resposta de independência relacionada à sorte.

A Análise do Discurso leva em conta as condições de produção, que são pensadas em seu sentido estrito, que é o contexto imediato da enunciação, e o sentido amplo. No sentido amplo, para Orlandi (2005, p. 30-31), as condições de produção referem-se não apenas ao contexto sócio-histórico, mas também do imaginário produzido pelas instituições, sobre o já-dito, sobre a memória, que a autora chama de interdiscurso.

Assim, a formação discursiva se constitui por meio do interdiscurso, que seria o já-dito que sustenta todo o dizer. O interdiscurso

[...] longe de ser efeito integrador da discursividade torna-se desde então seu princípio de funcionamento: é porque os elementos da sequência textual funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-aforizados) de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente (ORLANDI, 2005, p. 158).

Quanto a isso, Orlandi se refere aos esquecimentos: o esquecimento nº 1, que é a ilusão que se origina de um apagamento, “o sujeito tem a impressão (a ilusão) de que é ele próprio a fonte desse sentido, isto é, ele se representa como criador absoluto de seu discurso. Esse apagamento é um apagamento total e podemos chamá-lo inconsciente, ideológico” (ORLANDI, 1988, p. 10); e o esquecimento nº 2 é parcial e semiconsciente, ou seja, o sujeito imagina que tem o domínio de seu dizer, selecionando e excluindo algumas palavras em detrimento de outras. “Esse esquecimento dá ao sujeito a impressão, a ilusão de realidade do pensamento, ou seja, o discurso se apresenta como reflexo de seu conhecimento objetivo da realidade” (ORLANDI, 1988, p. 10-11).

Esse discurso acerca da mulher de sorte relacionado à independência, liberdade, é algo que está naturalizado no universo feminino como algo que precisa ser alcançado e conquistado. Esse “esquecimento”, que é de ordem do interdiscurso, produz no leitor a “impressão da realidade do pensamento” (ORLANDI, 2005, p. 35), que seria a ilusão referencial. Nesse sentido, entende-se que o esquecimento está

relacionado com o que Pêcheux chama de memória discursiva. A memória discursiva, diferente da memória da “lembrança”, não deve ser entendida como “memória individual”, “mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (PÊCHEUX, 1999, p. 50). Ou seja, é essa memória que possibilita que os discursos já ditos sejam “atualizados” por meio de outros discursos.

Retomando discursos cristalizados na sociedade, do que era aceitável ou não para as mulheres, até o início do século passado, podia-se considerar que as “mulheres de sorte” eram aquelas que encontravam um bom partido. Mas, quem era bom partido? Um homem rico – branco –, de família tradicional e, se possível, famosa na sociedade.

Pode-se observar esse conceito no estudo de Mestre (2004) que, em sua tese de doutorado, pesquisou sobre a vida das mulheres do século XX, na cidade de Curitiba, “como representam suas experiências e como, durante seus depoimentos, o filtro da memória mostra o arraigamento ou metamorfoses dos modelos que cada época ou sociedade veicula e, assim, permitem a construção de identidades” (MESTRE, 2004). Quando se trata de casamento, a autora afirma que

[...] constituir uma família, a conjugal, poderia ter como fim outras possibilidades, outras finalidades, tais como: constituir prole ou garantir companhia permanente. Poderia também servir como fuga de uma vida enfadonha e solitária ou de um ambiente adverso e sufocante. Ou ainda ser produto da crença que esse fosse o único caminho de vida disponível para elas em face do discurso ao qual estavam submetidas, pelas mais diversas instituições sociais: Estado, Igreja, família, escola e até pela medicina. (MESTRE, 2004, p. 56).

Uma das entrevistadas feitas por essa pesquisadora confirma em sua fala a questão do “bom partido”.

Eu, para me safar, aceitei namorar o velho. Coitado, ele era bonzinho, me dava joias, cuidava bem de mim, fazia minhas vontades e meu pai e mãe me pressionando, resolvi casar. Aceitei, pois achava que ninguém mais ia me querer, depois do que o da janela tinha dito. Eu era burra e pateta, queria escapar daquele horror; ele dizia que a família era isso e aquilo, gente grande, fazendeiro no interior e advogado. Era mesmo, mas a família nem queria saber dele, queriam era se livrar dele e eu fui nesse embrulho. Vi aí a oportunidade de subir, de sair de lá. Me enganei. Foi horrível. Quem não conhecia pensava mesmo que iria ser um mar de rosas. Fui empurrada para ele... (MESTRE, 2004, p. 29).

4. Gestos de interpretação

Retornando para o cotidiano de Marcela Temer, em uma primeira leitura, é possível compreender que, para o sujeito-autor, Marcela é uma mulher de sorte por ser casada com um homem bem mais velho, rico e poderoso, que chega a fechar um restaurante finíssimo apenas para os dois, protegidos por seguranças presidenciais. Marcela, nesse caso, teria conseguido um bom partido. Por outro lado, se tomarmos o conceito inicial de sorte, que seria ganhar um prêmio ou acontecer algo que muda seu destino, pode-se também conceber que o sujeito-autor considera essa situação um “achado” para Marcela Temer. Ou seja, seria o mesmo que ganhar na loteria, devido à mudança de vida que isso lhe proporcionou.

Isso confronta com algumas das opiniões das mulheres da pergunta lançada no *Facebook*, as quais entendem que ser uma mulher de sorte é ter independência financeira e ser bem-sucedida na carreira, por exemplo. No entanto, vale ressaltar que essas características de independência feminina são nada mais que direitos. As mulheres têm o direito de trabalhar, para ter independência financeira, e têm o direito de estar em qualquer cargo. Porém, no seu discurso, essas mulheres se marcam como sujeitos que precisam de sorte para ter liberdade de escolha, uma característica ainda de dependência ao patriarcado. Isso pode ser pautada no que Davallon (1999) afirma sobre a memória

[...] lembrar um acontecimento ou um saber não é forçosamente mobilizar e fazer jogar uma memória social. Há necessidade de que o acontecimento lembrado reencontre sua vivacidade; e sobretudo, é preciso que ele seja reconstruído a partir de dados e de noções comuns aos diferentes membros da comunidade social. Esse fundo comum, essa dimensão intersubjetiva e sobretudo grupal entre eu e os outros específica, diz-nos Halbwachs, a memória coletiva. Mas a contrapartida seria que a memória coletiva “só retém do passado o que ainda é vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que o mantém. Por definição, ela não ultrapassa o limite do grupo (DAVALLON, 1999, p, 25).

Ou seja, para o grupo, para a memória coletiva, a mulher ainda precisa ter a sorte de conseguir a liberdade, a independência.

Orlandi (2005) retoma a questão da paráfrase: “Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer” (ORLANDI, 2005, p. 36). Ser uma “mulher de sorte”, então, remete a sentidos outros que, na relação da paráfrase com a polissemia “o que temos é deslocamento, ruptura

de processos de significação. Ela joga com o equívoco” (ORLANDI, 2005, p. 36). Melhor dizendo, temos um processo de assimilação entre as palavras e a memória: sorte > ganhar dinheiro> ganhar um jogo (mega-sena); ou: sorte > “ganhar” dinheiro > independência financeira; ou: sorte > ganhar dinheiro > conseguir um bom partido.

O fato é que a formação discursiva presente nas falas dessas mulheres, agentes na sociedade contemporânea, não encaixa no discurso pregado pela reportagem, pelo viés de um conteúdo julgado como “machista”, apesar de ter havido uma “contra revolta” no momento de sua publicação, pois, enquanto muitas mulheres se revoltavam com a reportagem em si, outras se mostraram contra essas revoltas, afirmando que tinham “orgulho em ser do lar”⁷. Mas, ainda que estejamos em uma sociedade pós-moderna⁸, essa memória coletiva, de que a sorte para a mulher está relacionada com questões de independência, ainda é um resquício de um passado não muito distante.

Como dito anteriormente, a revista é conhecida por assumir o lado da política conservadora, mesmo que tente adotar uma postura neutra. Deduz-se que a maioria dos homens do mundo dos negócios ou da política tem esposas que não trabalham. Seriam as mulheres de sorte. Considerando o momento em que uma mulher estava para ser tirada do poder, a reportagem veio para afirmar que mulher tem que ficar em casa cuidando dos filhos, não na política. Ou seja, sorte de Marcela Temer, que não é presidenta e sim primeira-dama. E é esse o outro sentido que essa palavra produz ao leitor.

Dilma Rousseff teve uma longa carreira política e militante, o que acabou levando-a à prisão no passado.

Livre da prisão, foi morar em Porto Alegre em 1973 e ingressou na faculdade de Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 1975, começou a trabalhar como estagiária na Fundação de Economia e Estatística (FEE), órgão do governo gaúcho e concluiu o bacharelado de economia em 1977. Em 1990, volta à FEE como presidente da instituição.

[...]

No início da década de 80, ajuda o ex-governador Leonel Brizola a fundar o Partido Democrático Trabalhista (PDT) no Rio Grande do

⁷ Nas redes sociais, dois lados se instauraram em consequência da reportagem: mulheres que defendiam a independência, entre outras características de liberdade feminina e mulheres que não se sentiam ofendidas pelo tom da reportagem, afirmando ter orgulho em serem recatadas e do lar.

⁸ Para Stuart Hall (2014), a identidade do sujeito é composta por várias identidades que, em alguns casos, podem ser até contraditórias. Esse processo de fragmentação produz o sujeito pós-moderno, que não possui uma identidade fixa, o sujeito desarticula suas identidades estáveis do passado e abre o espaço para a criação de novas identidades culturais.

Sul, assessora a bancada trabalhista na Assembleia Legislativa e a convite do prefeito Alceu Collares, também do PDT, assume a Secretaria Municipal da Fazenda em Porto Alegre. Eleito governador em 1993, Collares a leva para a Secretária Estadual de Energia, Minas e Comunicação.

Em 1998, Dilma inicia o curso de doutorado em Economia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em São Paulo, mas, já envolvida na campanha sucessória do governo gaúcho, não chega a defender tese. Permanece secretária de Energia quando, em 1999, Olívio Dutra toma posse como governador eleito numa coligação PT-PDT e, em 2000, Dilma filia-se ao Partido dos Trabalhadores.

[...]

Entre 2003 e 2005, comanda profunda reformulação no ministério com a criação do chamado marco regulatório (leis e normas técnicas que regem as relações do Estado com as empresas do setor) e prepara o País para evitar a repetição de desabastecimento de energia em caso de novas crises hídricas. Além disso, preside o Conselho de Administração da Petrobrás, introduz o biodiesel na matriz energética brasileira e cria o programa Luz para Todos.

Lula escolhe Dilma para ocupar a chefia da Casa Civil e coordenar o trabalho de todo o ministério em 2005.

[...]

No dia 3 de abril de 2010, Dilma deixa o Governo Federal para se candidatar à Presidência. Em 13 de junho, o PT oficializa sua candidatura. No segundo turno das eleições, a 31 de outubro de 2010, Dilma Rousseff, aos 63 anos, é eleita Presidenta da República Federativa do Brasil. É a primeira mulher a chegar ao Palácio do Planalto, como já fora a primeira mulher secretária da Fazenda de Porto Alegre, a primeira secretária estadual de Energia, a primeira ministra de Minas e Energia, e a primeira chefe da Casa Civil.

Em 2014 é candidata à reeleição [...] (PLANALTO, 2015).

O ponto é que, ainda para a política brasileira, composta em sua maioria por homens, brancos e ricos, ainda não se admite uma mulher em cargos de autoridade. Mulher tem que estar em casa, cuidando dos filhos. A carreira de Dilma Rousseff e o fato de ter chegado à presidência gera certo desconforto a alguns homens e também a algumas mulheres pertencentes a um grupo de formações ideológicas conservadoras.

No primeiro parágrafo, em que é proferida a frase “Marcela Temer é uma mulher de sorte”, a autora discorre uma explicação, que se resume a um exemplo do quanto Michel Temer, vice-presidente até então, é romântico, levando a vice-primeira-dama para jantar. A reportagem é sobre Marcela Temer, mas há vários não ditos entre os dizeres que se seguem acerca da presidenta Dilma e do vice-presidente Michel Temer, tornando Marcela como uma espécie de “bode expiatório”. Para Orlandi, “há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter de incompletude da linguagem: todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer” (ORLANDI, 1992, p. 12). Essa referência ao Michel Temer já no primeiro parágrafo surge como uma possível tentativa de dar credibilidade ao futuro presidente da nação.

O trecho da reportagem “[...] continua a lhe dar provas de que a paixão não arrefeceu com o tempo nem com a convulsão política que vive o país” aparece para caracterizar Michel Temer como um homem amoroso acima de tudo, que não deixa de agradar à esposa por causa de política. Isso poderia ser visto como uma estratégia de “pacificação” da nação, mesmo que por alguns instantes, pois muito comum são casos em que pessoas perdem amizade ou se desentendem com algum familiar por terem opiniões contrárias, por exemplo. O relato da demonstração de afetos entre o casal quase presidencial daria uma “quebrada” na tensão política do país. Outro trecho que procura mostrar essa afetuosidade seria no apelido carinhoso que a autora faz questão de relatar, “Mar e Mi”, criando no leitor uma espécie de proximidade.

Esse relato procura criar uma imagem de Michel Temer diferente do que estava circulando naquele determinado momento, devido ao processo de *impeachment*. A esquerda política trata esse processo como um golpe dado pela oposição em conjunto com o vice-presidente, que é do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), partido que tinha o maior número de deputados. Desse modo, Michel Temer foi visto como um “vilão” e “traidor”, por isso precisava melhorar sua imagem diante do povo, já que Dilma Rousseff, devido a seu histórico e com apoio do ex-presidente Lula, tinha um governo que se diz a favor do povo.

Ao final, a reportagem traz a frase “Michel Temer é um homem de sorte”. Seria uma estrutura estratégica? Primeiro, relata-se porque Marcela Temer é uma mulher de sorte, pois tem um marido romântico. Por último, Michel Temer é um homem de sorte, mas com um ponto final. Deixaria para o leitor deduzir que Michel Temer é um homem de sorte por ter uma mulher como Marcela, “Bela, recatada e do lar”. Pêcheux reflete que

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe ‘em si mesmo’ (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico (isto é, reproduzidas). (PÊCHEUX, 1997, p.160).

Por isso, compreende-se que, em uma primeira leitura, percebe-se um efeito de sentido no discurso do sujeito em trazer o “homem de sorte” como uma referência por ter Marcela como o ideal de esposa.

Quando fizemos a mesma pergunta na rede social: “para você, o que é ser um homem de sorte?”

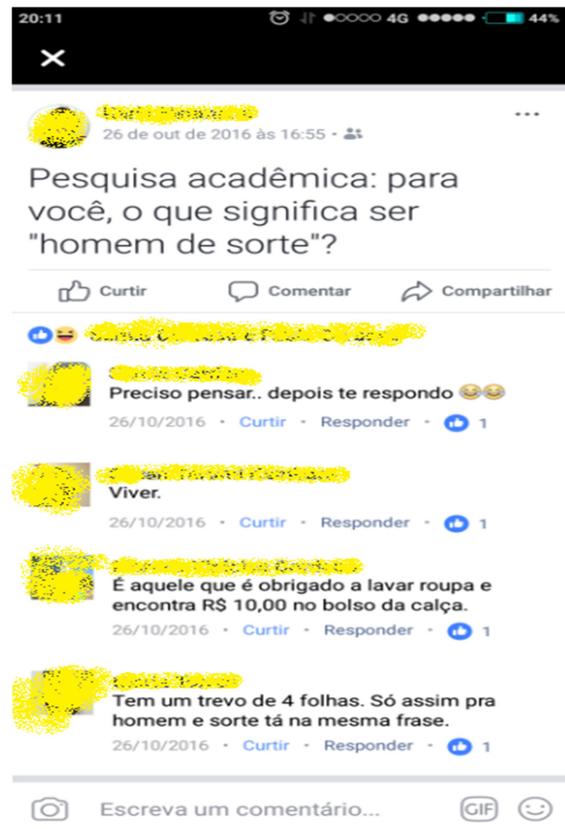


Imagem 3: perfil pessoal da rede social Facebook.

As respostas giraram em torno de observações acerca do significado “primário” de sorte, como no dicionário. Exemplo disso está nos dois últimos comentários: encontrar 100 reais no bolso da calça; ter um trevo de 4 folhas.

Não houve o mesmo impacto quando fizemos essa pergunta referindo-se a mulher de sorte, o que se insere em uma compreensão de que o homem não precisa de sorte, de que tudo o que ele quer, já está conquistado. Em outras palavras, o homem não precisa de sorte para ter liberdade, independência financeira, como a mulher.

O fato é que essa estratégia se mostra, novamente, como uma ligação ao momento histórico pelo qual o Brasil estava passando. Michel Temer estava a poucos dias de se tornar o presidente do país, sem passar por uma eleição para isso. Pela terceira vez, um político do mesmo partido se tornaria presidente sem eleição. O primeiro foi José Sarney, que assumiu a presidência depois da morte de Tancredo Neves; segundo, Itamar Franco que assumiu após o *impeachment* de Fernando Collor (MADEIRO, 2016). Nesse caso, Michel Temer seria um homem de sorte porque: não precisou de eleição para chegar à presidência e tem o apoio da maioria dos deputados; ele não é a Dilma Rousseff, pois tem uma família tradicional, ocultando-

se o fato de que ele tem outros filhos de outro casamento e um filho com o qual pouco tem contato⁹, enquanto Dilma se casou duas vezes e está divorciada; tem sorte por ser homem, já que ainda se vive em um universo com poucas oportunidades para mulheres, principalmente dentro da política; tem sorte por ser rico e, apesar da diferença de idade, casado com uma mulher linda e perfeita, de acordo com a mídia, como Marcela Temer.

Considerações Finais

Os efeitos de sentido possibilitados pela publicação, sobre o que seria uma mulher de sorte, retornam a algumas memórias com relação à história de muitas lutas pelas quais as mulheres precisaram passar para que não fossem vistas apenas como um símbolo de beleza e cuidadora do lar. Apesar disso, discursos naturalizados de que a independência está relacionada com algo que se ganha, como um prêmio na loteria, mostram que a formação discursiva própria do patriarcado ainda é representativo para a sociedade.

Muitos não-ditos com relação ao contexto político do momento também são sinalizados nessas marcas linguísticas em que, tentando exaltar a imagem de Marcela Temer, aproveitava-se o momento em que a popularidade da mulher que representava o Brasil, no papel de presidenta, estava bastante baixa, sendo alvo de piadas machistas nas redes sociais e constantemente rechaçada pela mídia.

O homem de sorte, Michel Temer, viria em seguida para representar o Brasil, com o que a esquerda brasileira chamaria de “golpe”, assumindo o cargo de presidente da república sem passar por uma eleição. Da mesma forma, a publicação mostra que Michel Temer tem muita sorte em ter uma mulher como Marcela ao seu lado, servindo como exemplo para muitas mulheres brasileiras, ou seja, as mulheres devem apoiar seus maridos, ficando ao lado deles, e não assumindo cargos importantes.

Muitos dizeres permeiam diversas polêmicas para tentar desviar o foco do que convém à população. A revolta que a reportagem causou talvez tenha atingido seu objetivo ao ascender a discussão sobre o que é o ideal de mulher a ser seguido. Porém, mais do que falar em discursos machistas ou feministas, devemos ir além da leitura que está sendo primariamente conduzida, isto é, ver além do que está posto.

⁹ Informação extraída do site <http://odia.ig.com.br/brasil/2016-04-19/michel-temer-vai-ser-pai-pela-sexta-vez-em-agosto.html>

Muitos não-ditos estão presentes entre os dizeres que se mostram intencionalmente conduzidos pela reportagem, os quais dariam um longo trabalho.

Referências

ABL, Academia Brasileira de Letras. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. Companhia Editora Nacional, 2008.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte da memória. In: ACHARD, Pierre *et alii*. **Papel da memória**. Trad. e intr. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Editora Lamparina, 2014.

LINHARES, Juliana. **Marcela Temer: Bela, recatada e do Lar**. Abril de 2016. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 10 jul 2016.

MADEIRO, Carlos. **Sem ganhar nenhuma eleição, PMDB emplaca terceiro presidente em 30 anos**. Maceió, maio de 2016. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/05/12/com-temer-terceiro-vice-peemedebista-chega-a-presidencia.htm>. Acesso em 16 out 2016.

MAKHOUL, Fábio Jammal. **A cobertura da revista Veja no primeiro mandato do presidente Lula**. 2009. 216 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica De São Paulo - PUC-SP. Disponível em: https://jornalggn.com.br/sites/default/files/documentos/fabio_jammal_makhoul_1.pdf. Acesso em: 20 ago 2016.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MESTRE, Marilza Bertassoni Alves. **Mulheres do século XX: memórias de trajetórias de vida, suas representações (1936-2000)**. Disponível em: http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/2290/marilsa_final.pdf?sequence=1. Acesso em: 10 jul 2016.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. A incompletude do sujeito: e quando o outro somos nós? In: Orlandi, Eni (Org.). **Sujeito e Texto**. São Paulo: EDUC, 1988.

_____. **As formas do silêncio: no movimento de sentidos**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

_____. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi *et al.*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre *et alii*. **Papel da memória**. Trad. e intr. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PLANALTO. **Conheça a trajetória da presidenta Dilma Rousseff**. Janeiro de 2015. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/governo/2015/01/conheca-a-trajetoria-da-presidenta-dilma-rousseff>. Acesso em 16 out 2016.

SARGENTINI, VANICE. Da ordem da língua à ordem do discurso a Intolerância no discurso político contemporâneo. In: **Atas do V SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa – 2017**. Simpósio 13 - O sujeito e a língua sob determinações do discurso e da história, p. 281-292. Disponível em: <http://sibaese.unisalento.it/index.php/dvaf/issue/view/1483>. Acesso em 30 abr 2018.

Artigo recebido em: 22/01/2018

Artigo aprovado em: 18/05/2018